



Traços da precarização laboral no produto jornalístico: o caso de um jornal regional brasileiro

Janara Nicoletti¹

Resumo: As condições de trabalho dos jornalistas podem influenciar na tomada de decisões dos profissionais, no seu bem-estar e afetar diretamente a qualidade do produto que desenvolvem. A partir de um modelo de análise desenvolvido para analisar a relação entre qualidade jornalística e condições laborais, é desenvolvido um estudo de caso com um jornal regional brasileiro para observar as confluências destas duas dimensões analisadas. Neste trabalho é apresentada a proposta geral metodológica para realizar este tipo de análise e os resultados obtidos a partir da comparação entre as respostas dos jornalistas a um survey e a análise do conteúdo do veículo analisado. Em linhas gerais, foi observada precarização laboral a partir de indicadores ligados às condições de trabalho e também traços desta condição no produto.

Palavras-chave: jornalismo; condições de trabalho dos jornalistas; qualidade jornalística; precarização do trabalho.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma análise da relação entre condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade do produto desenvolvido pelos profissionais (NICOLETTI, 2019), a partir do estudo de caso de um jornal regional brasileiro. O desenho metodológico é baseado em uma tese de doutorado que propôs um modelo de análise de correlação entre condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade da informação disseminada para a sociedade

¹ Pesquisadora associada ao Observatório da Ética Jornalística (objETHOS). Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: janarant@gmail.com.

(NICOLETTI, 2019)². Ele se baseia na formação de dois sistemas de índices e escala para mensurar as condições laborais dos jornalistas – o nível da precarização – (ACCARDO, 1995; MICK & LIMA, 2013; ÖRNEBRING, 2016; MIRANDA, 2017; GOLLMITZER, 2019), a qualidade do produto jornalístico (PICARD, 2000; ANDERSON, GEORGE; WILLIAMS, 2014; MOMPART, 2013) e a relação entre estas duas dimensões do mundo do trabalho dos profissionais da imprensa.

Diferentes autores destacam as interferências das condições laborais e da precarização sobre a qualidade da informação, porém, o que se buscou com o modelo de análise desenvolvido foi pontuar de forma objetiva as associações entre elas. Portanto, trata-se de um estudo qualitativo e exploratório (GIL, 1996), no qual a coleta de dados ocorreu por meio de survey online (BABBIE, 2003) e análise de conteúdo (BARDIN, 1999). Os dados coletados foram processados através de técnicas de análise estatística e a análise dos resultados se deu por meio da triangulação metodológica (RUBIN; BABBIE, 2016; FIGARO, 2014).

O modelo desenvolvido tem como ponto de partida uma matriz unificada de indicadores (NICOLETTI; MICK, 2018). Dividida em três eixos, congrega dados relacionados ao **perfil demográfico** dos profissionais e veículos analisados, **condições de trabalho** – remuneração, ambiente laboral, segurança básica de vida, rotina profissional, emprego e satisfação – e **práticas profissionais** – procedimentos técnicos, éticos, autonomia e qualificação

Ele foi testado em um jornal regional brasileiro. Do total de profissionais que responderam ao survey da tese (117), oito trabalhavam no veículo selecionado. Eles foram destacados do grupo geral para análise da relação com o conteúdo publicado. Foi realizada uma análise longitudinal em 28 edições divididas em quatro semanas artificiais, nos anos 2012, 2015, 2018 e 2019.

A partir da análise comparativa das duas escalas e seus respectivos indicadores observou-se relações diretas entre as condições laborais dos jornalistas com a qualidade do produto. Foi possível identificar indicadores da precarização laboral já na análise do produto.

Neste artigo, é apresentada brevemente uma contextualização teórica sobre o problema da pesquisa, seguida pela exposição do desenvolvimento do modelo de análise e os principais resultados do estudo de caso desenvolvido.

² A pesquisa de doutorado foi orientada pelo professor Dr. Jacques Mick, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC).

2. Condições de trabalho e qualidade jornalística

A relação entre precarização laboral e qualidade do conteúdo produzido pelos jornalistas não é facilmente perceptível, apesar de ser pontuada por profissionais e pesquisadores sobre o mundo do trabalho dos jornalistas. Ainda na década de 1980, Picard (1998) debatia a necessidade de se repensar as métricas de produtividade dos jornais impressos como medida qualitativa do desempenho da equipe editorial. O autor defendia a necessidade de se observar a relação tempo dedicado para produção da pauta, investigação e edição do conteúdo como parâmetros indicativos de boa ou má qualidade, não a quantidade desenvolvida por pessoa. Na sua perspectiva, quanto maior tempo dedicado ao pensar e elaborar o conteúdo noticioso, maior a qualidade intrínseca ao que era desenvolvido, uma vez que o jornalismo demanda um esforço intelectual e de vigilância constantes.

Mompart (2013) também alega que a qualidade editorial precisa ser mensurada a partir da relação entre recursos humanos, infraestrutura e trabalho digno. Nos indicadores para avaliar a qualidade jornalística proposto por eles, aparecem itens como férias, tempo livre, acesso a educação e número de equipe. Novamente, o balanço entre o bem-estar do trabalhador com a sua capacidade de produção aparece como elemento determinante para garantir a qualidade jornalística.

Outros autores destacam critérios como precisão, credibilidade, interesse público, diversidade de vozes para a qualidade jornalística. Todos têm em comum a tomada de decisão da equipe editorial envolvida, a qual está submissa ao deadline, às normas empresariais, a infraestrutura disponível para a realização da pauta ou produto, o talento individual que se soma ao grupo da redação e a motivação individual para o trabalho, que pode ser maior ou menor a depender da combinação entre valores e expectativas do trabalhador e do ambiente no qual ele labora. Todos estes elementos possuem relação direta com as condições de trabalho oferecidas pelas organizações jornalísticas, grupos independentes, coletivos ou startups de mídia.

A segurança com o emprego, o bem-estar promovido pelo balanço entre tempo livre e tempo de trabalho, o reconhecimento profissional, a perspectiva de carreira, a jornada de trabalho e intensidade da rotina, a infraestrutura disponível, além da autonomia e suporte para executar as atividades profissionais podem estar ligados direta ou indiretamente com indicadores de qualidade relacionados à tomada de decisão dos jornalistas.

Diante de um contexto profissional cada vez mais competitivo e precário, muitos profissionais cometem erros e deslizos de diferentes tipos devido a pressão e, muitas vezes,

exaustão. Estudos sobre precarização do trabalho demonstram a relação tênue entre as condições de trabalho e a saúde física e mental dos profissionais (HELOANI, 2003; REIMBERG, 2015; LELO, 2019). A alta demanda por produtividade e o frequente enxugamento das equipes editoriais colocam os trabalhadores em uma condição de vulnerabilidade social, uma vez em que eles estão expostos a um ambiente laboral muitas vezes insalubre em que a infraestrutura é deficiente, os recursos humanos disponíveis não cobrem a demanda, altas cargas de trabalho com mudanças de turno e horas-extras frequentes, baixa proteção social oferecida pela legislação e também pelos empregadores, salários baixos, vínculos precários, incapacidade de balancear tempo de vida com tempo de trabalho e baixa expectativa de carreira.

Essa condição de precariedade os expõe a diferentes fatores de risco que podem gerar adoecimento (problemas com stress, depressão, inflamatórios, e impor a necessidade de conviver em um ambiente hostil sem proteção adequada a diferentes tipos de violência (ameaças, agressões, assédios, preconceito, censura, autocensura, intimidação, prisão, processo judicial, restrição ao trabalho etc.

Em um survey com 355 jornalistas, Herscovitz e Cardoso (1998) já observavam o acúmulo de funções entre os respondentes do survey. A maioria fazia reportagens e, praticamente todos os entrevistados, atuavam com edição. Após 14 anos, Herscovitz realizou pesquisa similar com 509 jornalistas brasileiros. “Profissionais de muitas organizações de notícias lamentam terem que compartilhar estações de computadores com colegas e reclamam sobre softwares desatualizados. [...] e a maioria sente que eles produzem mais informação com menos qualidade” (HERSCOVITZ, 2012, p. 379, tradução nossa). Este é um achado recorrente em estudos contemporâneos.

Em outra pesquisa, Figaro, Nonato e Grohmann (2013) pontuaram a diminuição no número de profissionais nas redações jornalísticas e uma crescente migração para as áreas fora da mídia, como assessoria de imprensa e comunicação institucional. Os autores também destacaram um fenômeno crescente relacionado à precarização laboral: a juvenilização das redações.

Já o Perfil dos Jornalistas Brasileiros (MICK; LIMA, 2013) evidencia a multifuncionalidade como uma característica dos jornalistas brasileiros: 76% dos entrevistados trabalhavam com internet, mas apenas 38,6% tinham como atividade-fim veículos online. A categoria é formada por vínculos de trabalho formais e informais dentro e fora da mídia, muitas vezes trabalhando em dois ou mais empregos ao mesmo tempo. Em sua

maioria, eles trabalham entre oito e 12 horas por dia (MICK; LIMA, 2013). Carga horária muito superior ao previsto pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Mais recentemente, Moreira verificou “uma forte deterioração das condições de trabalho na profissão” (MOREIRA, 2017, p. 3, tradução nossa). Segundo o survey com 357 jornalistas brasileiros, 76,2% acreditam que o tempo médio de trabalho aumentou. “Para quase metade dos jornalistas (49,7%), a (não) disponibilidade de recursos para coleta de notícias, bem como supervisores editoriais e editores superiores (47,6%) também foram aspectos limitantes em seus trabalhos” (ibdem).

Em um estudo exploratório com 117 profissionais da mídia, Nicoletti (2019) observou que 51% dos participantes já haviam adoecido devido ao trabalho e 36,8% deles recebiam até três salários mínimos. Além disso, 59% não conseguia arcar com as despesas básicas mensais e 41,1% fazia mais de seis conteúdos jornalísticos por dia. Para 77,8% era comum fazer hora-extra. Do total, 61,5% verificou redução de equipe nos últimos 12 meses e a intensidade do trabalho aumentou para 69,2% da amostra no mesmo período. De acordo com o estudo, o Índice de Condições de Trabalho oscilou entre moderado (59%), ruim (21,4%) e péssimo (0,90%). Ou seja, há forte presença de precarização. Além disso, observou-se uma moderada correlação entre as condições de trabalho e o desempenho profissional, concluindo-se que a precariedade do trabalho pode afetar negativamente a qualidade do trabalho dos profissionais.

3. Construindo um modelo de análise

Estudar a relação entre condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade da informação produzida por eles demandou entender quais os pontos de confluência entre essas duas dimensões. Para isso, primeiro foram determinados indicadores que ajudariam a compreender melhor a precarização laboral. Em seguida, se observou quais eram os mais citados como qualidade jornalística. A partir disso, se recorreu aos estudos sobre qualidade do trabalho (job quality) para tentar entender se, de fato, há algum ponto de conexão entre as duas dimensões estudadas. “Qualquer indicador de job quality tem que estar estritamente limitado aos aspectos do trabalho que têm claro e direto impacto sobre o bem-estar dos trabalhadores” (BUSTILLO, et al, 2011, p. 2).

Como o jornalismo é um trabalho que depende sobremaneira da capacidade técnica e analítica de seu produtor, verificou-se que podem ser encontrados indícios da conexão entre

condições laborais e qualidade do produto a partir do desempenho do profissional. Com base nisso, decidiu-se fundir os dois grupos de indicadores criados em uma única matriz (NICOLETTI; MICK, 2018). Nela, foram incluídos aqueles que, segundo a literatura de referência, permitia encontrar relações diretas com o produtor da notícia. Desta forma, foram determinados três grupos de indicadores:

A definição deles se deu a partir do referencial teórico e dos objetivos da pesquisa: 1) só foram delimitados indicadores que tivessem relação direta com as rotinas profissionais; 2) os indicadores precisavam resultar em variáveis que estivessem diretamente ligadas à equipe de reportagem, ou seja, que tivessem impacto direto nos jornalistas ou fossem resultado da ação direta dos jornalistas; 3) foram excluídos todos os indicadores que não pudessem ser medidos de forma objetiva, resultando na menor interferência possível do pesquisador sobre os dados; 4) foram excluídos aqueles que analisassem questões como posicionamento político, ideológico ou linha editorial dos indicadores de qualidade. Por mais que sejam elementos importantes do ponto de vista estratégico das rotinas profissionais, eles exigem um maior detalhamento qualitativo dos dados e outros elementos que acabam não relacionados diretamente ao ambiente laboral. 5) Da mesma forma, condições de trabalho apenas consideraram indicadores que fossem ligados às rotinas profissionais comuns de todos os perfis jornalísticos, não incluindo especificidades de cada tipo de mídia, o que pode ser incluído em trabalhos futuros, dependendo dos objetos (NICOLETTI, 2019, p. 90).

Cada indicador foi dividido em subindicadores, que ajudaram a delimitar melhor os instrumentos de coleta de dados Survey e Análise de Conteúdo. Na Tabela 1 os conjuntos de indicadores são formados pelas colunas. Nelas, em **negrito**, os indicadores são seguidos pelos subindicadores (em *itálico*) que derivaram em perguntas para um survey com o objetivo de verificar a percepção dos jornalistas e um protocolo de análise de conteúdo para avaliar a qualidade da edição e da manchete do jornal regional estudado neste artigo. Conforme a tabela, os subindicadores em azul foram utilizados para ambos os instrumentos de pesquisa, os em vermelho, apenas para o conteúdo, e os em preto, apenas para o survey.

Tabela 1. Grupos de indicadores que formam a matriz unificada de indicadores e seus subindicadores

Dados gerais e demográficos	Condições de trabalho	Práticas profissionais
Endereço <i>Cidade</i> <i>Estado</i>	Remuneração <i>Faixa salarial</i> <i>Capacidade de arcar com as despesas básicas</i> <i>Tipo de vínculo</i>	Escolhas Editoriais <i>Cobertura</i> <i>Seleção de fontes</i> <i>Edição e correção</i> <i>Diversidade</i> <i>Contexto</i> <i>Autoria</i> <i>Repórter</i>
Dados pessoais <i>Idade</i> <i>Gênero</i>	Ambiente Laboral <i>Recursos espaço comum</i> <i>Recursos específicos para o</i>	Procedimentos éticos <i>Manual de redação</i> <i>Respeita a ética jornalística?</i>

<i>Situação civil</i> <i>Raça/cor</i>	<i>trabalho</i> <i>Impactos da infraestrutura no desempenho</i>	
Dados profissionais <i>Função oficial contratada</i> <i>Tempo de empresa</i> <i>Tempo como jornalista profissional</i> <i>Funções presentes por edição</i> <i>Número de colaboradores fixos e temporários</i>	Segurança básica de vida <i>Adoecimento</i> <i>Exposição a riscos</i> <i>Suporte recebido</i>	Autonomia <i>Tomada de decisão</i> <i>Influências sobre o trabalho</i>
Perfil do empregador <i>Nome da empresa</i> <i>Tipo de mídia</i> <i>Número de jornalistas na redação</i>	Rotina profissional <i>Carga de trabalho</i> (funções e responsabilidades, quantidade de conteúdos produzidos, trabalho no tempo livre, número de empregos, evolução da equipe e intensidade) <i>Jornada de trabalho</i> (horas trabalhadas em média; folgas, mudança de turnos, horas-extras)	Qualificação <i>Treinamento e preparo para a função</i> <i>Educação formal</i>
Perfil do produto <i>Tipo de mídia</i> <i>Abrangência</i> <i>Circulação ou audiência</i> <i>Número de páginas</i> (pode ser adaptado para intervalo de publicação ou tempo de duração)	Satisfação <i>Com o trabalho atual</i> <i>Perspectiva para o futuro</i>	
	Emprego <i>Tipo de vínculo principal</i> <i>Quantidade de vínculos</i>	

Fonte: Elaboração nossa, a partir do referencial teórico.

3.1 Coleta de dados e formação dos índices

A partir da matriz unificada foram desenvolvidos os dois instrumentos de pesquisa desenvolvidos para analisar a relação entre condições de trabalho e qualidade jornalística. O primeiro, um survey direcionado a jornalistas trabalhadores da mídia (de qualquer tipo, modelo de negócio ou função jornalística) e o segundo um protocolo de análise de conteúdo direcionado a analisar o conteúdo produzido pelos profissionais participantes da pesquisa online.

Para o survey, foram desenvolvidos grupos de perguntas a fim de compreender as percepções dos participantes sobre suas condições laborais. Elas respeitam os conjuntos de

indicadores estabelecidos na matriz unificada. Portanto, foram realizadas questões relacionadas ao perfil demográfico dos respondentes (Dados gerais); Ambiente Laboral (Condições de Trabalho), Desempenho Profissional (Práticas profissionais) e Satisfação.

Cada conjunto de indicadores permite desenvolver um índice específico. A exceção é o Dados Gerais que é composto por perguntas qualitativas (cada questão permitia selecionar uma opção de resposta) e serviu, principalmente, para traçar o perfil dos respondentes e facilitar a estratificação da análise.

Já os conjuntos de indicadores relacionados ao Ambiente Laboral e ao Desempenho profissional foram construídos a fim de compreender a percepção dos trabalhadores sobre sua condição de trabalho. Desta foram usadas principalmente perguntas matrizes a partir de perguntas baseadas em escalas de atitudes (VALLEJO, 2010). Elas são utilizadas para avaliar perguntas complexas em que uma única questão não permite verificar com mais clareza a percepção do respondente sobre o tema da pergunta. Assim, essas questões são compostas por grupos de três a cinco afirmações que demandam do jornalista avaliar o grau de concordância ou frequência para cada linha conforme sua prática profissional diária (TABELA 2). Posteriormente, cada afirmação foi codificada para o intervalo numérico entre 0 e 4. Com isso, as respostas de cada pergunta matriz foram agrupadas e normalizadas para a escala definida no estudo. Quanto pior a nota, mais precária é a condição laboral ou pior é o desempenho do trabalhador.

Um terceiro grupo de questões utilizados no survey foi o de perguntas binárias, em que era possível responder sim ou não. Elas também foram codificadas, porém, não foi necessária a normalização pois já se enquadravam na escala definida. O valor nulo (zero) sempre corresponde a pior avaliação, enquanto o valor um (1) é a melhor avaliação.

Desta forma, a análise dos resultados se deu por meio da codificação das respostas dos jornalistas conforme um codebook estabelecido para a pesquisa. Todas as questões ordinais receberam um número que indicava melhor ou pior avaliação. As notas mais baixas sempre eram relativas aos piores cenários apresentados. Com isso, foi possível testar a fiabilidade das respostas nos grupos de afirmações formados para cada questão, excluir aquelas que apresentavam baixa consistência com o conjunto, agrupar e normalizar as afirmações das perguntas matrizes. A resposta de cada questão ficou no intervalo entre zero e um.

Em seguida, foi realizado o teste de fiabilidade e correlação de todas as questões normalizadas e também das respostas binárias. Primeiro, se verificou a consistência interna do grupo de questões de cada conjunto de indicadores, que formariam os índices de Condições de

Trabalho e de Desempenho Profissional. A partir do referencial teórico³ sobre análise estatística e formação de escalas e índices, foram estabelecidos critérios para exclusão das variáveis que estivessem baixa consistência com o grupo. O critério de corte foi o índice Alfa de Cronbach abaixo de 0,70. Além disso, verificou-se a correlação entre as variáveis de cada conjunto de indicador, para verificar se elas possuem correlação entre si e qual seu nível de significância. Apenas aquelas com moderada a alta correlação e forte significância foram mantidas. Com isso, cada conjunto de indicador teve suas respectivas variáveis agrupadas e normalizadas para o intervalo entre zero e um. Em seguida, novo teste de fiabilidade e correlação foi realizado para atestar a correlação entre condições de trabalho e desempenho profissional. A partir do resultado positivo para correlação, os dois índices foram agrupados, normalizados e formaram a Escala de Qualidade Laboral.

Note-se aqui que as variáveis relacionadas ao indicador Satisfação não foram incluídas na escala. Isso ocorreu porque, apesar de existir uma correlação moderada com os dois índices criados, o tipo de questão destoou das demais e exigiria uma investigação mais profunda para entender quais os aspectos da vida do trabalhador tinham maior interferência em sua percepção de satisfação com o trabalho atual e as perspectivas para o futuro.

Tabela 2 – Variáveis mantidas para composição da Escala Qualidade Laboral dos Jornalistas após testes de consistência, agrupamento de variáveis, normalização e análise de correlação

Variável	Indicador	Índice
NRM_Remuneração	Remuneração	Condições de trabalho
Salário paga despesas?		
AGR_Recursos: mobiliário de escritório de uso comum	Recursos e infraestrutura	
AGR_Recursos: equipamentos essenciais para a redação		
AGR_Infraestrutura: impactos dos recursos no dia a dia		
AGR_Riscos: ambientais e geográficos	Segurança básica e de vida	
AGR_Riscos: abuso físico, verbal ou sexual		
AGR_Riscos: ameaças sofridas		

³ Entre as referências que embasaram a análise dos dados para formação dos índices e testes de validação, confiabilidade e correlação, estão: Connolly e Sluckin (1971); Cortina (1993); Babbie (2003); Cohen e Lea (2004); Barbetta (2006); ; Crocker e Algina (2006); Vallejo (2010); Baxter e Babbie (2012).

AGR_Apoio: suporte básico exigido pela convenção de trabalho		
Adoecimento		
Evolução equipe		
Intensidade		
NRM_É comum não ter condições ou tempo suficiente para fazer a checagem do jeito que a pauta requer		
NRM_O tempo necessário para produzir e editar cada conteúdo é insuficiente		
NRM_Função real executada		
AGR_Leva trabalho pra casa		
NRM_Horas trabalhadas por mês média	Rotina profissional	
AGR_escolhas editoriais: cobertura		
AGR_escolhas editoriais: seleção de fontes		
AGR_escolhas editoriais: edição	Escolhas editoriais	
AGR_autonomia na tomada de decisão		
AGR_influências sobre o trabalho	Autonomia	
AGR_percepção sobre qualificação para a função	Qualificação	Práticas Profissionais
AGR_autoavaliação sobre satisfação com o trabalho e futuro	Satisfação	Satisfação

Fonte: Nicoletti, 2019 (elaboração nossa)

O mesmo procedimento de codificação, agrupamento, testagem e criação dos índices e escala foram adotados para a análise de conteúdo. Porém, o questionário que formou o Protocolo de Análise de Conteúdo era menos complexo. A partir dos indicadores estabelecidos na matriz unificada, foram estabelecidas perguntas para compor o questionário. A maioria é quantitativa e tem como objetivo verificar a presença ou não de determinado elemento, como presença ou não de infografia por edição, presença ou ausência de informação de contexto na manchete. Um segundo grupo de perguntas busca verificar quantitativamente o número de itens ou ausência deles, como por exemplo, matérias e fotos produzidas por freelancers; números de fontes oficiais por matéria da manchete.

Com isso, foi possível fazer dois níveis de análise: a edição completa de um jornal impresso ou programa jornalístico, o qual compõe o índice Qualidade Percebida por Edição, e o conteúdo da manchete, o qual compõe o índice Qualidade Percebida na Manchete (TABELA 3). Após testados e normalizados, ambos formam a escala Percebida por Edição que é composta ainda por variáveis do grupo dados gerais (equipe, número de páginas e conteúdo textual feito pela equipe). Assim, pode-se avaliar a evolução longitudinal da qualidade de um produto jornalístico ao longo do tempo ou verificar apenas o retrato de um período específico determinado pelo analista.

Tabela 3 – Variáveis mantidas para composição da Escala Qualidade Laboral dos Jornalistas após testes de consistência, agrupamento de variáveis, normalização e análise de correlação

Variáveis do Índice Qualidade percebida por edição	Variáveis do Índice Qualidade percebida na manchete		
		Subindicador	Indicador
Infografia	Tipo de cobertura	Apuração	Escolhas editoriais
Reportagem			
Investigação			
Proporção fotos de terceiros por edição	Quantidade de repórteres envolvidos	Autoria	Escolhas

Proporção fotos sem crédito por edição	Fotos feitas pela equipe do jornal?		editoriais
Proporção destaques de capa assinados por edição			
Proporção matérias assinadas por edição			
Proporção fotos do jornal por edição			
	Erros no título da manchete	Correção e edição	Escolhas editoriais
	Erros total		
Proporção de mulheres na equipe declarada	Gênero	Diversidade	
	Diferentes vozes		
	Contextualização	Contexto	Escolhas editoriais
	Lead		
	Controvérsia		
	Categoria das fontes	Seleção de Fontes	Escolhas editoriais
	Tipo de fontes		
	Fontes consultadas		
Matéria com 2 ou mais repórteres		Carga de trabalho	Rotina Profissional
Proporção de conteúdo noticioso por equipe de reportagem			
Equipe declarada na edição			

Fonte: Nicoletti, 2019 (elaboração nossa)

Para este estudo, os valores considerados como satisfatórios são aqueles acima de 0,60, porque contam com menos elementos com pontuação muito baixa ou moderada. Conforme a escala definida, entre 0,0 e 0,20 o resultado é péssimo; de 0,21 a 0,40 (ruim); entre 0,41 e 0,60 moderado; de 0,61 a 0,80 é Bom e entre 0,81 e 1,0 é Ótimo.

Com este modelo de análise é possível analisar os dados de forma agregada e individual (BUSTILLOS et al, 2011). As escalas permitem avaliar a média geral de cada dimensão estudada, porém, a partir dos índices é possível entender qual conjunto de indicadores possui pior desempenho. Além disso, a partir dos indicadores determinados na matriz unificada é possível fazer uma análise mais aprofundada e qualitativa.

Com a formação das duas escalas é possível verificar se há ou não correlação entre elas, porém, essa análise só é viável quando se observa um número razoável de casos (o mínimo é cinco, mas não garante consistência dos resultados). Além disso, a matriz unificada de indicadores utilizada para formar os dois instrumentos de coleta de dados permite fazer análises comparativas entre as respostas dos jornalistas e o conteúdo analisado, em cada conjunto de indicador.

Para este artigo, a opção de análise se deu a partir desta segunda estratégia adotada. Como há um único caso investigado, o jornal regional, são avaliadas as confluências entre condições de trabalho e qualidade do produto, além de apontadas as principais evidências de precariedade laboral verificadas no produto.

4. Qualidade e condições de trabalho jornal regional

O modelo de análise apresentado permite verificar possíveis relações entre as condições laborais dos jornalistas e a qualidade do produto na qual desenvolvem. Para isso foi realizado o estudo de caso de um jornal regional brasileiro. O nome do veículo não será divulgado em respeito ao termo de Consentimento Livre e esclarecido do survey que previu manter as fontes em anonimato.

A seleção do veículo teve como ponto de partida o survey piloto realizado com 117 jornalistas brasileiros e que determinou a Escala de Qualidade Laboral. Deste grupo, foi verificado o veículo com maior número de respondentes e se decidiu fazer a análise de conteúdo deste jornal.

Portanto, o corpus considerado neste artigo para a Escala da Qualidade Laboral dos Jornalistas corresponde a oito respondentes trabalhadores no jornal analisado. Já a Escala de qualidade Percebida no Produto resulta da análise de conteúdo deste jornal. No total, foram analisadas quatro semanas artificiais, uma em cada ano: 2012, 2015, 2018 e 2019. Foram verificadas 28 edições completas e o conteúdo de 28 manchetes, sendo 20 semanais e oito de finais de semana (sábado e domingo). A seleção ocorreu randomicamente com o auxílio de um software (Excel).

O jornal regional fica sediado em uma capital brasileira e tem circulação diária. Segundo informações do veículo, a tiragem média é de 10 mil exemplares por dia. A distribuição atinge uma área com cerca de 900 mil habitantes em diferentes municípios, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Já contou com sucursais em diferentes cidades, mas atualmente opera em apenas uma redação. Apesar de tentar cobrir toda a região em que atua, acaba focando seu noticiário na cidade sede, além das editorias economia, cidade, esporte e variedades. Conforme verificado na análise de conteúdo, houve uma diminuição significativa na diversidade dos conteúdos pautados, apesar de o esquema de editorias ter se mantido quase sem alterações.

4.1 Principais resultados

A partir da análise comparativa das duas escalas e seus respectivos indicadores observou-se relações diretas entre as condições laborais dos jornalistas com a qualidade do produto. Foi possível identificar indicadores da precarização laboral no produto.

De maneira geral, o que se observou na comparação entre as respostas dos jornalistas sobre suas condições de trabalho, desempenho e a qualidade do produto analisado ao longo dos anos é que houve uma deterioração significativa do ponto de vista da qualidade editorial. Foi verificada uma piora de 72,34% entre os anos de 2012 e 2019, ou seja, a Escala de Qualidade Percebida no Produto caiu de 0,66 pontos para 0,18 - saiu de bom para péssimo.

Estes achados foram ratificados pelas respostas dos jornalistas que indicaram preferência por fontes oficiais, cobertura dentro da redação, falta de tempo para concluir a apuração e casos de escolhas editoriais nem sempre compatíveis com a ética profissional. Constatou-se relação direta entre a tomada de decisão dos jornalistas e sua rotina de trabalho, assim como uma adaptação das escolhas à infraestrutura física disponível.

Já a Escala Qualidade Laboral dos Jornalistas possui 62,5% dos entrevistados com condições consideradas Razoável (entre 0,41 e 0,60) e 37,5%, Bom (0,61 a 0,80). Apesar de existir diferentes traços de precariedade laboral nas respostas do survey, há indicadores que compensam com melhor desempenho e mantém o resultado aceitável, porém, é considerado insatisfatório para os padrões estabelecidos no estudo.

Os primeiros indícios de precariedade laboral foram verificados já na análise de conteúdo. No período analisado houve uma redução de 88,87% da equipe de jornalistas indicadas no expediente do jornal como profissionais efetivos da equipe ou colaboradores (como freelancers). Repórter foi o cargo com maior queda(-69,74%), seguido por fotógrafo exclusivo na função (-68,75%), editor (-47,73%) e colunista (-46,15%). Já repórteres freelancers e comentaristas representaram queda de -25% e -29,63%, respectivamente. Com este dado, pode-se perceber evidências de relação direta entre redução de equipe e queda da qualidade editorial. De acordo com as respostas dos jornalistas houve redução da equipe

editorial no último ano, aumento da intensidade e carga de trabalho e presença de multifuncionalidade ou desvio de função.

Outro dado relacionado à redução da equipe diz respeito à produtividade por profissional. Ele foi obtido a partir da relação entre número de conteúdos jornalísticos em cada edição e de profissionais indicados no expediente. Com isso, se verificou uma média de 5,26 conteúdos por pessoa em 2019, 4,86 em 2018; 3,17, em 2015 e 4,70 conteúdos em 2012, o que denota um aumento gradativo da demanda sobre a equipe. É importante destacar que, no período, houve redução significativa no número de páginas e conteúdo.

Além disso, ao longo do período analisado verificou-se 35 casos de pessoas com acúmulo de funções em 22 edições, das 28 analisadas. A função que mais exerce duplos papéis é a de colunista, que geralmente atua como editor, repórter e alguns casos fotógrafo. Já o segundo profissional que aparece de forma mais recorrente realizando atividades extras é editor, exercendo também atividades de repórter e, algumas vezes, de colunista. Com isso, percebe-se uma prática recorrente de multifuncionalidade na redação. Na prática, o que se verificou foi uma rotatividade rotineira de funções, em que todos os trabalhadores acabam desenvolvendo diferentes papéis ao longo de uma mesma edição.

Esse dado é bastante significativo ao comparar os resultados da análise de conteúdo com o survey. A presença da multifuncionalidade ficou evidente no survey. Dos oito trabalhadores que responderam ao questionário, 62,5% informaram ter como função principal o cargo de “editor (a)”, porém, todas as pessoas neste grupo haviam assinado recentemente matérias como repórteres, segundo a análise de conteúdo realizada. Os demais, que possuem cargos oficiais diferentes, são repórter, fotojornalista e colunista. Todos têm vínculos formais de trabalho via Consolidação das Leis de Trabalho (CLT).

Além disso, existe um processo de desespecialização aliado à desvalorização das qualificações dos trabalhadores já verificada na análise de conteúdo. Dos oito entrevistados, 50% possui especialização completa, 25% possui mestrado e 25% têm graduação completa. Do total, 67,5% é solteira e é formada por adultos, entre 30 e 54 anos de idade (87,5%). Trata-se portanto, de uma equipe sênior com, no mínimo, nove anos de carreira no jornalismo (19,5%). Metade já exerce a profissão há (50%) dez anos e 25%, entre 11 e 20 anos, enquanto um (12,5%) é jornalista há mais de 31 anos.

Contudo, o tempo de emprego no trabalho principal (jornal regional analisado) é bastante heterogêneo. Entre os respondentes, 37,5% têm entre seis meses e dois anos de atividade no jornal regional analisado. Mesmo percentual labora no local entre quatro e oito anos, enquanto 25% estão na mesma redação entre dez e 15 anos.

Eles são profissionais experientes, porém mal remunerados. Segundo o survey, 50% recebe entre R\$ 1997 e R\$ 3992 (dois a quatro salários mínimos). Seguindo o determinado para as escalas definidas neste estudo, a remuneração destes trabalhadores é majoritariamente classificada entre ruim e péssimo. Apesar de terem vários anos de experiência e trabalho na função, eles recebem valores médios compatíveis aos pisos da região Sul do Brasil, para o ano de 2019, o que os coloca no mesmo nível salarial de profissionais ingressantes na carreira. Além disso, o tempo de trabalho da maioria oscila entre dois e oito anos. Também não são novos no emprego, apesar de a rotatividade das equipes ficar evidente na análise de conteúdo e no survey.

Considerações finais

No caso analisado, é perceptível a relação entre respostas que indicam precariedade laboral com problemas ligados à tomada de decisão dos profissionais. Elas, necessariamente têm como ponto de interconexão o desempenho profissional dos trabalhadores.

Além dos resultados destacados na seção superior, o estudo indicou correspondências entre baixa autonomia e presença de fontes oficiais, em conteúdos com baixo contexto e priorização de pautas feitas de dentro da redação e com fontes oficiais, bem como aumento de erros de digitação e revisão ao longo dos anos, com a declaração quase unânime da equipe sobre aumento da intensidade e carga de trabalho no último ano.

Este modelo está sendo aprimorado para que ele se torne mais intuitivo e adaptável a outros tipos de produtos jornalísticos. Porém, com esta proposta já é possível verificar tanto as condições de trabalho, quanto o desempenho profissional, assim como o produto ou realizar estudos em que se busque o cruzamento dessas três dimensões, como o apresentado aqui.

REFERÊNCIAS

- ACCARDO, Alain. **Journalistes ao quotidien**: essais de socioanalyse des pratiques journalistiques. Bordeaux: Le Mascaret, 1995.
- ANDERSON, Peter J.; GEORGE, Ogala; WILLIAMS, Michael. **The Future of Quality News Journalism**. Londres: Routledge, 2014.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. 2 reimpressão. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6. ed. Editora da UFSC: Florianópolis, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1999.

BAXTER, Leslie A.; BABBIE, Earl. **The basics of communication research**. Thomson wadsworth: Belmont, 2012.

BUSTILLO, Rafael Muñoz et al. **Measuring more than money: the social economics of job quality**. Edward Elgar: Glos, Northampton, 2011.

COHEN, Barry H; LEA; Brooke. **Essentials of Statistics for the Social and Behavioral Sciences**. John Wiley & Sons: Hoboken, 2004.

CONNOLLY, T. G.; SLUCKIN, W. **An introduction to statistics for the social sciences**. 3ed. Palgrave Macmillan: London, 1971.

CORTINA, J. M. What is coefficient alpha? An examination of theory and application. **Journal of Applied Psychology**, 78, p. 98-104, 1993.

CROCKER, Linda; ALGINA, James. **Introduction to Classical and Modern Test Theory**. Cengage Learning: Mason, 2006.

FIGARO, Roseli, NONATO, Claudia, GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, n.16, v. 2, p. 124-131, maio/agosto de 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLLMITZER, Mirjam. Employment Conditions in Journalism. **Journalism Studies**, p. 1-28, mar 2019. DOI: 10.1093/acrefore/9780190228613.013.805.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de pesquisa nº 12/2003. EAESP/FGV/NPP: São Paulo, 2003.

HERSCOVITZ, Heloiza G; CARDOSO, Adalberto M. The Brazilian Journalist. In.: WEAVER, D. **The global journalist: news people around the world**. Hampton Press: Cresskill, 1998.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Brazilian journalists in the 21st century. In: WEAVER, David H.; VILLNAT, Lars. **The global journalists in the 21st century**. New York: Routledge, 2012, p 365-381.

LELO, Thales Vilela. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. 2019. Tese (doutorado) apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2019.

MICK; Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MIRANDA, João. Jornalista: Retrato de uma profissão em asfixia. In.: MIRANDA, João et al. **A corrosão do trabalho**: precariedade, flexibilidade, reprodução de desigualdades. Le Monde Diplomatique – edição portuguesa, n. 123, p. 4-5, janeiro 2017.

MOMPART, J. L. G.; et al. **La calidad periodística**: Teorías, investigaciones y sugerencias profesionales. Aldea Global: Valência, 2013.

MOREIRA, Sônia V. Country Report: Journalists in Brazil. In.: HANITZSCH, T.; HANUSCH, F. et al. **The Worlds of Journalism Study**, p. 1 - 4, 2017. Disponível em: www.worldsofjournalism.org.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2019.

NICOLETTI, Janara; MICK, Jacques. **Influências da precarização na qualidade jornalística**: construção de uma matriz de indicadores. Revista Passagens: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação UFC, v. 9, p. 127-141, 2018.

ÖRNEBRING, Henrik. **Newsworkers**: a comparative European perspective. New York: Bloomsbury Academic, 2016.

PICARD, Robert G. Measuring quality by journalistic activity. In.: PICARD, Robert (Org.). **Measuring media content, quality, and diversity**: approaches and issues in content research. Turku: Kirjapaino, 2000.

PICARD, Robert G. Measuring and interpreting productivity of journalists. **Newspaper Research Journal**, v. 19, n. 4, p. 71-84, 1998.

REIMBERG, CRISTIANE Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese de doutorado apresentada para o Programa de Ciências da Comunicação, da Universidade de São Paulo. 2015.

RUBIN, Allen; BABBIE, Earl. **Essential research methods for social work**. 4 ed. Cengage Learning: Boston, 2016.

VALLEJO, Pedro Morales. **Guía para construir escalas de actitudes**. Universidad Pontificia Comillas: Madrid, 2010. Disponível em: <https://web.upcomillas.es/personal/peter/otrosdocumentos/Guiaparaconstruיריםcalasdeactitudes.pdf>. Acesso em: setembro 2018.